



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

ESPIRAL ASCENDENTE E HOSPÍCIO É DEUS: MAURA LOPES CANÇADO E A ESCRITA DE RESISTÊNCIA.

Ornella Erdós Dapuzzo¹. (FURG)

Luciana Paiva Coronel (FURG)

RESUMO: O presente artigo traz uma análise a respeito da construção narrativa de Maura Lopes Cançado em *Hospício é deus: diário I* e no conto intitulado *Espiral ascendente*. Busca-se compreender de que forma o mecanismo de escrita transforma-se em uma ação de resistência, no sentido não apenas de efetuar uma denúncia, mas também de garantir a sobrevivência em um espaço fechado.

Palavras-chave: Maura Lopes Cançado, escrita de si, resistência.

ABSTRACT: This article is about to discuss Maura Lopes Cançado's narrative process in two of her texts: *Hospício é deus: diário I* and the short story *Espiral ascendente*. It aims to analyze how the writing turns to a mechanism of resistance that not only denounces but also guarantees the survival in an institution.

Key-words: Maura Lopes Cançado, self-writing, resistance.

I- O eu inscrito nos textos: ajustes e desajustes de uma personalidade

Através da ideia de que todos somos "homens narrativas", descrita por Pierre Bourdieu (1986) ao estabelecer que os indivíduos não se constroem de forma linear e constante, mas sim por meio de variações de trajetórias e, conseqüentemente, por modificações de *si*, torna-se possível a reflexão acerca da maneira como a autora se inscreve na narrativa, levando em consideração as aproximações e distanciamentos entre o *eu da enunciação* e o *eu do enunciado*.

Philippe Lejeune (2014), ao estudar a escrita autobiográfica, formula o que entendemos enquanto "pacto autobiográfico". Para o autor, para que haja uma autobiografia, além de uma série de critérios, devem haver dispositivos que garantam ao *leitor* que aquilo

¹ Mestranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

que lhe é apresentado seja uma verdade passível de verificação no mundo empírico. A busca pela aproximação direta entre o *sujeito do enunciado* e o *sujeito da enunciação*, ou seja, a relação direta entre autor, personagem e narrador, é um dos principais critérios para se alegar que um texto pertence ao gênero autobiográfico.

O nome de Maura é apresentado não só na capa de seus livros publicados, mas também nos paratextos. Ao fim da nova edição de 2015, temos um breve perfil biográfico escrito por Maurício Meireles. Além disso, em *Hospício é deus*, o nome indicado na capa se encontra na nomeação da personagem e narradora. Maura Lopes Cançado, enquanto nome próprio, se doa como autora, personagem principal e narradora. Tudo conforme o estabelecido por Lejeune:

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja *identidade de nome* entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, autorretrato, autoensaio). (LEJEUNE, 2014, p.27-8)

Entretanto, nesse estudo inicial, o pesquisador não leva em conta a questão levantada por Bourdieu, uma vez que sua teoria se mantém focalizada na lealdade e referencialidade nominal. Em contraponto, Pierre Bourdieu pondera:

"Designador rígido", o nome próprio é a forma por excelência da imposição arbitrária que operam os ritos de instituição: a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferentes às particularidades circunstanciais e aos acidentes individuais, no fluxo das realidades biológicas e sociais. Eis por que o nome próprio não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia: como o que ele designa não é senão uma rapsódia heterogênea e disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante \ mutação, todas as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço. Em outras palavras, ele só pode atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente constituída, à custa de uma formidável abstração. (BOURDIEU, 1986, p.187)

Essa honra à assinatura, ou nas palavras de Lejeune, esse "contrato de identidade" (p.39), é verificável no diário de Cançado sem restrições. Contudo, deve-se partir da noção de que esse "contrato" ocorre apenas a nível estrutural, pois difícil seria afirmar que ao longo de sua escrita estaríamos frente a um mesmo sujeito.

Também em uma análise de contraponto às noções propostas pelo pesquisador francês, é possível se ater ao estudo desenvolvido por Leonor Arfuch (2010), estudiosa que parte de alguns pressupostos defendidos por Lejeune e busca, de forma menos ortodoxa, levantar novas questões para reflexão. Próxima ao que Bourdieu menciona em seu estudo, Arfuch defende a impossibilidade de caracterização homogênea e linear do sujeito inscrito na narrativa. É para além do empirismo que se traçam as aproximações e naturais modificações do indivíduo da narrativa. A relação autor x narrador x personagem dá-se através da construção historiográfica e fictícia de um passado a ser lembrado e/ou de um presente a ser testemunhado:

Efetivamente, para além do nome próprio, da coincidência "empírica", o narrador é *outro*, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar: como se reconhecer nessa histórica, assumir as faltas, se responsabilizar por essa outridade? E, ao mesmo tempo, como sustentar a permanência, o arco vivencial que vai do começo, sempre idealizado, ao presente "testemunhado", assumindo-se sob o mesmo "eu". (ARFUCH, 2010, p.55)

Considerando, primeiramente, a obra *Hospício é deus: diário I* (2015), vemos de forma mais direta a presença de Maura Lopes Caçado dentro do texto. Primeiro, pelo fato da utilização do nome próprio na narrativa e em segundo lugar, e talvez mais importante, pela presença de uma trajetória de vida descrita que causa um estranhamento e deslocamento desse "eu". Estamos frente a centenas de páginas e diferentes possibilidades de assimilação da personagem Maura. O indivíduo "Maura Lopes Caçado" é um "sujeito narrativa". A escrita diária auxilia na construção de sua personalidade ao mesmo tempo em que lhe revela novas características. O diário, com uma expressão narrativa incontestável, cria e recria o espaço de onde fala a sua narradora e é a partir desse jogo de construções que o "eu" afirma-se e nega-se, carregado de reflexões subjetivas que se perdem quando tentam afirmações absolutas. É nessa busca por uma constituição de si, através da escrita, que Maura aciona sua memória e descreve suas impressões de vida em um momento de clausura.

Ainda que a personagem tenha alegado que "será deveras lastimável se este diário for publicado" (p.132), a mesma demonstra seguir critérios de escrita, selecionando o que irá constar na obra. Encontramos, em algumas passagens, enunciados em que a narradora

demonstra prazer na possibilidade de tornar pública sua trajetória no Engenho de Dentro, pois só desta maneira seria possível apresentar tal realidade tão desconhecida:

Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos presídios. Pretendo mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vive-lo. (CANÇADO, 2015, p.58).

O caráter “íntimo” do diário passa a ser repensado no momento em que Maura reconhece que torná-lo público poderia vir a ser um mecanismo eficiente de denúncia:

É um diário íntimo, mas como ela mesma diz, escreve e reescreve, rasga a maioria das páginas, escolhe-as. Sendo assim, é uma escrita trabalhada, lapidada e selecionada, não é somente o relato direto do cotidiano mais imediato, portanto, não é incorreto supor que havia uma intenção de publicação. (SCARAMELLA, 2010, p.144)

Ao se ater em uma possível definição para os diários íntimos, Philippe Lejeune apresenta algumas possíveis utilidades a esta tipologia de escrita. Dentre as variantes pode-se destacar algumas de fácil aproximação com a realidade descrita nas páginas de *Hospício é deus*: sobrevivência, desabafo e resistência. A personagem, ao se reconhecer novamente dentro de uma instituição psiquiátrica, procura dentro de si as razões que a tornam tão distante da realidade exterior aos muros. Na medida em que escreve, as possíveis conclusões que alcança são atravessadas de incertezas e, devido a isto, os questionamentos também sofrem modificações. Maura Lopes Cançado, “escritora e candidata à glória” (p.59), vê na escrita a possibilidade de abraçar o seu entorno. É nas páginas construídas que a narradora encontra o mínimo de salvação de si e do espaço como um todo. Mesmo que não haja uma descrição direta de que escreve para se purgar, fica nítido que o exercício é um ato não só de liberdade como também de terapia. Maura desabafa sobre os limites de uma interna e como esta figura desenvolve-se através dos (des)cuidados médicos. Esse desabafo é carregado de um tom de revolta, como alguém que esteja conjurando uma espécie de resistência às práticas psiquiátricas, bem como ao reconhecimento de si. Escrever está diretamente ligado ao processo de sobrevivência e resistência, garantindo a possibilidade de desabafos e denúncias, como encontramos ao longo do seu diário.

O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real. Ele contribui, modestamente, para a paz social e o equilíbrio individual. (LEJEUNE, 2014, p.303)

O “mundo real” de Maura possivelmente não irá lhe assegurar esse equilíbrio individual. Entretanto, não podemos negar que a ação de escrever possibilita à narradora organizar seu íntimo, lhe garantir alguns minutos de convivência consigo mesma e, então, auxiliar na sobrevivência frente ao caos em que se encontra, caos este que impulsiona o grito, como nas perspectivas de Monique Plaza:

Nem sempre é o sujeito que grita: aquilo grita nele, contra a vontade dele. Inefável e desenraizado, preso nas palavras e todo-poderoso, o grito a maioria das vezes não sai. Provoca implosões e explosões em cadeia, o que tem por resultado fechar cada vez mais o autor nos abismos. Porque os abismos são o reino do grito: lá, as palavras cobrem-se rapidamente com uma ferrugem estranha, e o sujeito, ao mesmo tempo ausente e demasiado presente, transforma-se aí num paradoxo vivo. (PLAZA, 1990, p.70)

É esse *caos gritante* que irá nos possibilitar a alegação de que o conto intitulado *Espiral ascendente*, pode ser considerado autobiográfico. A personagem principal, que apresenta o espaço e as ações do texto a partir de poucas falas diretas, mas com muito fluxo de consciência, é uma interna que se encontra medicada, entre a realidade e as fantasias que constrói em sua mente. São dados vestígios lexicais para que nos aproximemos do entendimento que a personagem é um deslocamento daquela que tivemos contato ao longo do diário. “Médicas” (p.10), “sonifene” (p.11) e “sanatório” (p.11), são exemplos de indícios de que o conto é narrado a partir do mesmo espaço em que o diário foi escrito.

Além disso, a presença da intratextualidade com o diário é o ponto de alcance para a afirmativa que *Espiral ascendente* é um objeto autobiográfico. Ao longo das páginas há dois momentos em que a narradora utiliza construções narrativas idênticas às presentes em *Hospício é deus*. Não apenas a situação do diário repete-se, mas a própria construção textual:

- Não sou Sócrates. Deram-me cicuta.
- -----?
- Escuto sim.
- Sabe o que é cicuta?

- Sim. Sei o que é cicuta.
- E Sócrates?
- Quero fazer pipi. (CANÇADO, 2015, p.13)²

A existência desse mecanismo intratextual dá suporte para aprofundar o olhar a respeito do modo como Maura sobrepôs uma forma narrativa à outra e, além disso, os trechos utilizados apresentam o *eu personagem* do diário em uma forma narrativa autodiegética. O eu transferido ao enunciado do diário está presente, de forma direta, em *Espiral ascendente*.

II- A pluralidade significativa da escrita: terapia e resistência.

Dentro da biografia de Maura consta que aos quinze anos de idade a mesma casou-se com Jair Praxedes e deste matrimônio nasceu Cesarion Praxedes. Após um ano de casamento, Cançado divorcia-se, passando a sentir uma nova e possível liberdade na idade quase adulta. Entretanto, em um período de diversas tensões sociais enfrentadas pelas mulheres, o divórcio não foi uma cartada que suavizou sua conduta, pelo contrário, veio a lhe conferir mais um estigma, potencializador de dificuldades, frustrações e inaptações sociais.

É possível ponderar que foi a partir dessa "perda" de idealização a respeito dos novos horizontes de vida, que a autora passa a enfrentar um descontrole emocional que a levaria, aos dezoito anos, à sua primeira internação, ainda em Belo Horizonte. É sabido que Maura não experienciou o confinamento poucas vezes, pelo contrário, a vida cercada de muros e vestida de uniformes passa a ser a paisagem principal de sua vida e das narrativas que viria a consolidar.

A respeito de ambas as obras da autora mineira pode-se afirmar que a sua construção narrativa é imputada de uma realização literária em conjunto com a realidade da loucura. Na obra de contos, ainda que não tenhamos o nome de Maura direcionado às personagens principais e ou às secundárias, nomes de outras internas e funcionárias presentes em seu diário são evocados, inclusive em alguns títulos como "Introdução à Alda" (fazendo menção a uma interna do Engenho de Dentro).

² Trecho também presente em *Hospício é Deus: diário I*. CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: diário I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 111.

Mais uma vez fazendo alusão ao estudo desenvolvido por Philippe Lejeune (2010), verificamos que o crítico atribuiu às finalidades dos diários, características que podem facilmente ser interpretadas na escrita de Cançado. Analisando uma pluralidade de escritas diarísticas, o pesquisador estimula o pensamento apontando que, por se caracterizar por uma série de vestígios datados, o diário pode vir a ser compreendido como um *corpo simbólico* do autor; o corpo que não morre. O eterno. Em outras palavras, ao dispor-se à escrita diária e datada, o autor do texto transpõe ao papel rastros de si. O ato de escrever pode vir a garantir uma eternidade desse *eu*, mesmo após sua morte carnal.

Maura Lopes Cançado vem sendo revivida através de seus leitores. Seu diário vem se tornando objeto de estudo entre diversos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. O corpo simbólico é mantido vivo e a chama da vida real passa a ser reacendida.

Interessante ressaltar que, ao longo das páginas, o sujeito da narrativa constrói-se e destrói-se ao passo que a realidade cotidiana se estabelece. Maura autointerna-se no hospital, mas mesmo consciente dessa ação, demonstra em alguns momentos forte descrença do espaço em que se encontra, pois justifica sua internação lançando uma suposta culpa ao entorno de sua liberdade, pois menciona que “havia lá fora grande incompreensão. Sobretudo pareceu-me estar sozinha.” (CANÇADO, 2015, p.26)

A medida em que se constrói e se doa à narrativa - através de opiniões, reflexões sobre si e sobre o outro, ponderações sobre os espaços, etc. - Maura mostra-se resistente ao trabalho terapêutico, seja pela descrença inicial lançada ao médico responsável (Dr. A), seja pelo distanciamento que aciona perante todas as pessoas do hospital (outras internas, guardas, médicos e enfermeiras). Esse distanciamento é desencadeado não só pelo já conhecimento da narradora sobre a instituição em que se colocou, mas, acima de tudo, sob a égide denunciativa. A personagem esculpi com as palavras a violência advinda das enfermeiras, o descaso de alguns médicos – que são “piores do que os policiais” (p.153), e o questionamento do modo como são conduzidos os tratamentos psiquiátricos. Não é unicamente uma forma de fuga à instituição, ao contrário, Maura está imersa em um contexto e o torna antagonista de sua escrita:

Os médicos são de uma incoerência escandalosa; por mais que queiram negar, estão de acordo com os "castigos", aprovam-nos ou mandam até mesmo aplicá-los. É necessário levar em consideração que são estes mesmos médicos que classificam os doentes, "acusando-os" (é importante)

de irresponsáveis. Mas esta responsabilidade de afirmar se o indivíduo é ou não responsável parece terminar no momento em que é feito o diagnóstico. Como punir a inconsciência é o que não entendo. (CANÇADO, 2015, p.83)

No desenvolvimento do texto percebemos as mudanças ocorridas no sujeito da narrativa. Se no início da escrita havia certo distanciamento da personagem para com os outros sujeitos, ocorre um momento de reversão do olhar de si. A narradora passa a descrever algumas impressões que nos levam a compreender que estar no hospício é um estado de si, pois após relatar sobre uma briga menciona que “em nenhum lugar do mundo entenderia essa minha atitude a não ser aqui. (CANÇADO, 2015, p.48). É o espaço transformador do *eu*.

A respeito desta noção de que os espaços são grandes potências de modificação dos sujeitos, trazemos à análise as considerações feitas por Erving Goffman (2013) no que tange aos processos de *mortificação* dos indivíduos que se encontram em *instituições totais*³. Para o autor, no momento em que o sujeito se encontra frente a uma realidade institucional, passa por diferentes processos de perda de sua identidade e reconstrução de personalidade aos moldes da instituição. Esses processos são considerados pelo autor como mortificação e mutilação do eu:

Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua *carreira moral*, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele. (GOFFMAN, 2013, p.24)

Na medida em que a narrativa se desenvolve, defrontamo-nos com cenas claras do processo de mutilação, seja através do diário, seja no conto aqui analisado. Parte da crítica feita por Cançado às instituições psiquiátricas dá-se através do relato dessa perda de si, ao mesmo tempo em que percebemos que, ao passo que é reprimida uma parcela de identidade, é sobreposta uma nova, com o intuito de fazer desse indivíduo um ser correspondente ao espaço: obediente por assim dizer. Analisando o diário, vemos essa denúncia em momentos

³ Para o autor, as instituições totais “tem tendências de fechamento” (p.16), barrando o indivíduo das relações sociais e externas ao espaço total. É a partir dessa noção básica que se desencadeiam os processos de *mortificação* e *mutilação* do eu, também desenvolvido por Goffman.

plurais, uma vez que estamos lidando com uma escrita de maior aproximação entre o *eu* e o *tempo* de enunciação e enunciado. O conto, por mais que não traga essa característica, aproveita-se do fluxo de consciência do narrador para figurar os acontecimentos dentro da ala hospitalar, o narrador tenta expressar-se: “Levem-me. Preciso falar. Deixei de falar há tanto tempo. Estou sozinha e assim foi sempre. Não quero dormir. Foi dormindo que permiti que se construísse esta teia que me envolve e me perde.” (CANÇADO, 2015, p.14)⁴.

De acordo com Goffman (2013), o processo de perda de si se inicia no momento em que o indivíduo entra na instituição. O uniforme, a numeração e, no caso de Maura, o diagnóstico, são o início do processo de extravio da identidade civil. Maura em seu diário, e a narradora, através do conto, não carregam mais, aos olhos do outro, a pluralidade de ser quem se é. São números. São estatística. Ademais, em ambos os trechos, deparamo-nos com o silenciamento, demonstrando que o internado “nada tem a dizer”, e o que diz, não interferirá no comportamento e nas medidas advindas de “cima”.

Mantendo a lógica do autor canadense sobre o espaço/instituição total, a autora de *Espiral ascendente e Hospício é Deus* traz à tona suas impressões e críticas a respeito de seu entorno “louco”. No decorrer de ambas as narrativas, os discursos presentes, direta ou indiretamente, tendem a remeter a uma análise feita por Maura sobre suas vivências hospitalares. A narradora em dado momento, transpõe ao papel sua noção objetiva do que é um hospício, sintetizando este com palavras como “guardas”, “monotonia”, “cotidiano” e “dor” (CANÇADO, 2015, p.57). No conto, há a condensação do hospital através da noção de que a vida em uma instituição psiquiátrica é movida a remédios e confusões entre realidade e fantasia.

Por fim, ainda fazendo menção ao conto analisado, é interessante ressaltar que há um momento narrativo de grande impacto. Com uma narração desencadeada através do que podemos entender como a voz da (in)consciência da narradora, nos vemos diante de um parágrafo que relata a sensação da narradora ao ser abusada sexualmente na infância. É fato que não temos nenhum indício direto sobre o ocorrido, porém, aos leitores atentos que já se depararam com o diário, o reconhecimento se torna nítido:

⁴ Trecho retirado do conto *Espiral Ascendente*.

Estou chorando. Triste? Sim, triste e sozinha. Já escutei antes este choro.
De mim mesma?
Mamãe.
Seis anos? Seis ou cinco. (Ibid., p.13)

A rememoração da idade (seis ou cinco anos), nos desloca às páginas iniciais de seu diário, quando a narradora descreve a cena em que foi violentada por um trabalhador da fazenda de seu pai. O conto cede um parágrafo inteiro para essa reflexão, mesmo que não relate diretamente o fato:

Mas a tarde pesava acusadora, quando encontrei mamãe, sentada na varanda, conversando. De vestido branco, tranquila. Via-a distante, boa. Foi inútil tentar pôr-me no colo. Entardeceu mais, olhei-a maravilhada. Meus olhos escurecidos de vergonha. (Ou medo? Naquele tempo, que nome dar aos sentimentos?) Fiquei ali. A distância enorme do vestido branco, à barra dos meus cabelos pesados. Chorei ali. Sentida. Degraus misturados elevavam a escada às proporções conhecidas nos futuros pesadelos. Tinha febre quando escondi-me sob os lençóis brancos. Mamãe. As mãos corriam nos cabelos mais longos e escuros de peso. Disseram que alguém fugiu naquela noite, da fazenda. (CANÇADO, 2015, p. 13)⁵

O hospício e a identidade de internada saem da autora e se espalham na escrita, como personagens principais que darão vida e voz a todo o texto. O espaço é transformador do eu, e esse indivíduo é *mortificado* ao longo do processo de internação. Maura, ao questionar e perceber essa perda e deslocamento de identidade faz de sua escrita um ato além da criação: é resistência.

III- A potência do espaço: uma conclusão.

Explicitamos a ocorrência da repetição do espaço narrativo a fim de que se possa compreender a forte presença da instituição na vida da autora e nos textos escritos. Da mesma maneira como ocorre em *Hospício é deus*, o conto serve como uma ferramenta de desabafo de dores e de denúncias a respeito das ações ocorrentes em uma ala psiquiátrica. Nenhum

⁵ Trecho retirado do conto *Espiral Ascendente*. Nas páginas iniciais do diário, em que Maura cede espaço às rememorações sobre sua infância, há um momento dedicado ao relato do abuso sexual que sofreu e as sensações que teve posteriormente. Nas palavras escritas da própria autora, temos que: *Era de tarde. Todos se achavam sentados na varanda. Mamãe também. Usava um vestido branco, parece-me. Ao ver-me, tentou pôr-me no colo. Recusei-me. Achei-a limpa, inocente e bonita. Corri para casa, deitei-me sob os lençóis, sem me lavar.* (p.18).

sujeito está imune aos locais de experiência. As diretrizes e leis que predominam em diferentes espaços – da forma macro à micro – conduzem os trajetos feitos por cada um de nós ao longo de nossas vidas. Com Cançado não haveria de ser diferente. O entorno a atravessou de uma maneira peculiar e desde sua infância em Minas Gerais, já demonstrava a aflição que sentia frente a uma realidade “superior”. Os hospícios e presídios a que foi submetida por quase duas décadas, imputaram um olhar diferenciado à autora e, a partir desse olhar construído e transformado, fez de sua sensibilidade e revolta mecanismos de sobrevivência.

Todo o conhecimento adquirido a respeito da situação de internada a possibilitou criar uma consciência de que os papéis dentro das instituições não se encontram de acordo com o imaginário coletivo da época. Ao ativar essa razão em si, mescla sua criação com objeto de denúncia. Estando no espaço, então se posicionou não enquanto uma militante, mas enquanto uma testemunha das enormidades absurdas ocorrentes:

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. (CANÇADO, 2015, p.49)

Maura Lopes Cançado torna sua escrita uma zona de debate e reflexão acerca de sua vivência manicomial. Não podemos afirmar que havia uma intenção consciente de que seu diário e parte de seus contos fossem objetos de análise acerca da realidade hospitalar da época, entretanto, o resultado que obtivemos acaba por possibilitar um estudo que vai além da investigação sobre a história psiquiátrica brasileira, parte de relatos e vivências individuais para uma criação estética e artística. Alfredo Bosi (2008) discorre que a escrita de “resistência” tende a transformar a ética em estética. O autor passa ao narrador a responsabilidade de formular todos os seus valores e antivalores a fim de torná-los matéria artística. A obra de Cançado traz muito esse caráter: ao imergir em uma realidade de clausura, seu *eu* é redirecionado e os valores a respeito da especificidade do momento de vida são construídos e transpostos à narrativa.

Fica claro que as narrativas de Maura carregam uma intenção de denúncia a partir dos relatos que oferece, ora descritivos do espaço, ora de resistência aos fatos do seu entorno. Não sabia ela que a realidade prisional viria a fazer parte de sua vida a partir de 1972, após

o homicídio que cometeu em uma internada na casa de saúde Dr. Eiras⁶, mais uma das diversas instituições psiquiátricas em que esteve internada.

IV- Referências:

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é deus:** diário I. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **O sofredor do ver.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DA SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe. **Literatura, loucura e autoria feminina:** Maura Lopes Cançado em sua autorrepresentação da escritora louca. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1432>. Acesso em julho de 2016.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2.ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

PLAZA, Monique. **A escrita e a loucura.** Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

SCARAMELLA, Maria Luisa. **Narrativas e sobreposições:** notas sobre Maura Lopes Cançado. 2010. 269 f. Tese (Doutorado em Ciências sociais) – Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2010.

⁶ Scaramella, em sua tese a respeito da narrativa de Maura Lopes Cançado, apresenta também uma “biografia” de internações da autora mineira. Diz ela que: *Durante o período que colaborou com o SDJB (1958-1961), todas as internações pelas quais passou foram realizadas no Hospital Gustavo Riedel, no Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro. Antes de 1958, internava-se em outras clínicas e, a partir de 1962, Maura começa a variar os lugares de internação, alternando entre o Engenho de Dentro e outros hospitais.*